



MANUELA SÁENZ E A OMISSÃO DA HISTÓRIA COMO VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Christiane Manolio Valladão Flores¹

Amante, louca, ninfomaníaca, adúltera, messalina, estéril, filha de origem espúria, guerrilheira, revolucionária, exilada, feminista, Libertadora del Libertador, La Generala, La Coronela, La insepulta de Paíta. Sobram adjetivos e substantivos para personificar, e muitas vezes reduzir, Manuela Sáenz de Thorne (1797-1856) na historiografia, na literatura, em reportagens ou até mesmo numa busca rápida por seu nome na internet.

Uma das protagonistas dos movimentos de independência da América espanhola tinha sua história ignorada pela maioria de seus contemporâneos e ainda hoje, séculos depois de sua morte, sobram preconceitos para esta mulher que desperta ódio ou amor e, muitas vezes, é reduzida pelas narrativas literárias e historiográficas como amante de Simón Bolívar. Um olhar patriarcal que a coloca no lugar de coadjuvante na luta pela emancipação das colônias e que promove na memória coletiva não só o apagamento de sua participação nesse processo, que começa antes mesmo de conhecer Bolívar, como cala a importância da convergência dos projetos de libertação nacional e de libertação das mulheres, um pioneirismo de movimentos feministas latino-americanos. Percebe-se assim uma violência de gênero, ao ser imposto um discurso de poder que tira o protagonismo das mulheres na história, atribuindo o papel de submissas e passivas no lugar de lutadoras e transformadoras. Os processos de emancipação colonial e de formação nacional traziam sonhos muito além dos objetivos da elite *criolla* – classe social à frente deles, que almejava conquistar o poder político. Como afirma a historiadora Michelle Perrot, "na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres".²

O nome de Manuela e de outras mulheres estiveram relegados aos esquecimento até o final do século XIX. Com pesquisas mais abrangentes, na metade do século XX, surge uma corrente que toma Manuela como heroína da independência, contemplando a imagem da mulher movida pela

¹ Graduanda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: christianeflores@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-4191-7371.

² Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Editora Paz & Terra, 1988, p 166

paixão e também líder revolucionária à frente do seu tempo. São lançados textos e biografias célebres que a tornam mais conhecida, como *Manuela Sáenz: la Libertadora del Libertador* (1944), do historiador equatoriano Rumazo González, *Las cuatro estaciones de Manuela* (1952), do explorador, antropólogo e historiador estadunidense Victor Wolfgang von Hagen, e *La Insepulta de Paita* (1961), do escritor chileno Pablo Neruda.

Mesmo importantes para trazer à luz sua história, ainda assim, têm traços do reducionismo de Manuela que existe enquanto extensão de Bolívar. Nem ela e muito menos outras mulheres que também tiveram importante participação nesse processo conseguiram o feito de aparecer tal qual Bolívar e outros homens considerados heroicos, como San Martín³. São silêncios e esquecimentos que se manifestam na história. No século XXI, com pesquisas de gênero mais aprofundadas e o Bicentenário da Independência, Manuela vai ganhando mais biografias, romances e protagonismo, além de ser vista como precursora do feminismo na América Latina.



³ José Francisco de San Martín y Matorras foi um general argentino e o primeiro líder da parte sul da América do Sul que participou ativamente dos processos de independência da Argentina, do Chile e do Peru.

Sua história para além da História

Manuela Sáenz, ou Manuelita para os íntimos, nasceu em 1797, em Quito, já fora dos padrões morais da época. Seu pai, Simón Sáenz Vergara, era um espanhol endinheirado que engravidou uma solteirona de meia idade de proeminente família *criolla*. Manuela foi parida em segredo e entregue para ser criada por freiras por sua mãe, que morreu seis anos depois. O pai, que mantinha o convento com boas somas de dinheiro, acaba por assumir a paternidade e levar a filha para sua casa, para viver com sua família.

Ainda na infância, vivenciou o movimento que em 1809 destituiu o presidente da Real Audiência⁴ e formou a primeira Junta Soberana de Governo⁵, que foi reprimida. Em 1817, porém, Manuela foi obrigada a se enquadrar naquilo que se esperava de uma mulher: casou-se com um homem de posses, 20 anos mais velho, o armador inglês James Thorne, numa união arranjada por seu pai. O casal muda-se para Lima e lá floresce a Manuela revolucionária, que já estava em construção. Começa a atuar com as forças peruanas pró-independência, lideradas pelo general San Martín, inclusive fazendo reuniões em sua casa. Manuela torna-se uma das principais ativistas da causa e quando o Peru finalmente consegue sua liberdade, recebe a condecoração com a ordem de “Caballereza del Sol”, dada pelo próprio San Martín, que cria esse prêmio para homenagear patriotas destacados. Sua inserção no mundo revolucionário acontece antes de sua história com Bolívar. Antimonarquista, atuou como espiã, mensageira e recrutadora, como outras mulheres que aderiram à causa na época. Já estava mais do que claro que seu envolvimento com a libertação das colônias espanholas movia sua vida.

⁴ A Real Audiência de Quito foi uma unidade administrativa do Império Espanhol o qual possuía jurisdição política, militar e religiosa sobre territórios que hoje incluem o Equador, partes do norte do Peru, sul da Colômbia e norte do Brasil.

⁵ A Primeira Junta de Governo Autônoma de Quito foi um governo executivo na Província de Quito, que deu início ao processo revolucionário que se estendeu até 1812.

Em 1822, volta a Quito, com a desculpa de visitar o pai, porém, com o objetivo claro de participar dos preparativos para a Batalha do Pichincha⁶, e é nessa ocasião em que conhece Bolívar. O laço que se estabelece entre eles a partir de então não era apenas amoroso, mas sobretudo político. Os dois compartilhavam o sonho de integrar os territórios libertados em uma confederação de estados, a Grã-Colômbia, para que tivessem independência e soberania. Manuela começa a ganhar protagonismo na luta: é incorporada ao Estado-Maior bolivariano, sendo responsável pelos arquivos da campanha libertadora, e inicia a carreira militar ingressando no exército: primeiro como húsar (soldado de cavalaria ligeira), depois torna-se “Capitão” na Batalha de Junín⁷ (1824) e, em seguida, na Batalha de Ayacucho⁸ (1824) é elevada a “Coronel”, encorajando a criação da República da Bolívia (1825). Só depois de sua morte que ascendeu ao posto de General da Divisão do Exército Nacional Bolivariano (2007). Em 1827, com a destituição dos poderes bolivarianos no Peru, é presa e obrigada a deixar o país e, no ano seguinte, vai para Bogotá ficar ao lado de Bolívar, durante o período em que ele foi presidente da Colômbia.

Libertadora do Libertador

Em Bogotá, Manuela salva Bolívar de um atentado, capitaneado pelo vice-presidente Francisco de Paula Santander, com quem Bolívar vinha tendo discordâncias políticas e desejava assumir seu posto. O episódio ocorre em 25 de setembro de 1828, no Palácio de San Carlos, residência presidencial, segundo relato da própria⁹:

Era cerca de meia-noite quando os cães do Libertador começaram a latir, e houve um ruído peculiar, que deve ter sido a luta com as sentinelas, mas não

⁶ A Batalha de Pichincha ocorreu em 24 de maio de 1822, no sopé do vulcão Pichincha, a mais de 3 000 metros de altitude, nos arredores da cidade de Quito, Equador.

⁷ A batalha de Junín foi um combate militar da Guerra de Independência do Peru, travado nas montanhas da região de Junín em 6 de agosto de 1824.

⁸ A Batalha de Ayacucho foi o último grande enfrentamento armado entre as campanhas terrestres das guerras de independência hispano-americanas e significou o fim definitivo dos vice-reinados na América espanhola. A batalha aconteceu no Pampa de la Quinua, em Ayacucho, no Peru, em 9 de dezembro de 1824

⁹ Trecho de transcrição de texto documental onde Manuela Sáenz descreve atentado contra Bolívar no Palácio Presidencial de São Carlos.

houve tiros. Despertei o Libertador, e a primeira coisa que ele fez foi apanhar uma espada e uma pistola, e tentar abrir a porta. Detive-o, fiz com que se vestisse, o que fez com calma, mas depressa. Disse: “Bravo! Bem, aqui estou eu vestido. O que fazer, agora? Fecharmo-nos aqui dentro?” Tentou abrir novamente a porta, mas eu o impedi. Lembrei-me então de algo que ouvira o General dizer: “Você não disse ao Pepe Paris que aquela janela servia para uma ocasião como esta?”, perguntei-lhe. “Tem razão”, respondeu ele, e dirigiu-se para a janela. Impedi que saísse imediatamente, porque havia gente passando; mas ele o conseguiu quando já estavam longe, e exatamente no momento em que arrombavam a porta no aposento contíguo. Fui ao encontro deles, para dar-lhe tempo de fugir. Não pude, porém, vê-lo saltar, nem tive tempo de fechar a janela. Tão logo me viram, perguntaram: “Onde está Bolívar?” Disse-lhes que estava numa reunião, pois foi a primeira coisa que me ocorreu. (TREND, J. B., 1965, p. 175-176).

Enquanto o Libertador fugia pela janela, Manuela afrontava seus conspiradores e era torturada e arrastada pelos corredores do Palácio, mas permanecia afirmando que o presidente estava numa reunião e não havia fugido. Graças ao feito, ganhou o nome de Libertadora del Libertador, dado pelo próprio Bolívar. Mesmo tal ato heroico é menosprezado até os dias atuais. Na janela do Palácio de San Carlos, por onde Bolívar escapou, há um texto em latim inscrito numa placa fixada abaixo da mesma, com os dizeres: “Detente espectador, un momento, y mira la vía de salvación del Padre y Libertador de la Patria, Simón Bolívar, en la noche nefanda de septiembre. Año de 1828”¹⁰. O nome de Manuela? Sequer aparece. Uma apagamento histórico.

O que muitos dividem, Manuela somava. Tinha dois amores ao mesmo tempo, sendo fiel a ambos: a luta pela independência e Bolívar. Em 1830, acontece a renúncia e o exílio de Bolívar, e Manuela não segue com ele, segue com sua luta, permanecendo na capital colombiana para tentar reconduzir o companheiro ao poder. Isto, contudo, não acontece. Bolívar morre de tuberculose e Manuela é vítima de campanhas difamatórias e de perseguição política e é banida da Colômbia. Depois de um breve período de exílio na Jamaica, tenta retornar ao Equador, mas não consegue chegar a Quito porque teve seu passaporte revogado pelo então Presidente Vicente Rocafuerte e decide instalar-se em Paíta, cidade afastada do litoral peruano, onde morre em 1856, de difteria epidêmica, cercada pela pobreza, solidão, depressão e pela angústia do isolamento político. Seu corpo foi sepultado em vala comum e seus pertences queimados por questão sanitária, entre eles

¹⁰ Trecho da inscrição original em latim, aqui traduzido para o espanhol, por Fundación Empresas Polar.

as cartas de amor que recebeu de Bolívar e documentos importantes da Colômbia que guardou até o seu último suspiro.

Seus restos mortais foram simbolizados por uma pequena arca contendo uma porção de terra de Paita e percorreram Peru, Equador, Colômbia e Venezuela até chegar em Caracas, onde foram depositados num sarcófago ao lado dos restos mortais de Bolívar no Panteão Nacional. Lá, o governo venezuelano ergueu o monumento chamado de *Rosa Roja de Paita*, uma escultura de aço de 14 metros em formato de flor. Bela, mas ínfima perto da grandiosidade do mausoléu do Libertador. Isso fez parte da campanha *Manuela Vuelve*, impulsionada pelos quatro países, embalados pelas comemorações do Bicentenário da Independência, em 2010. A ideia era reforçar que os amantes agora ficariam juntos e ela seria finalmente colocada no posto de heroína ao lado do herói.

Muito além de Bolívar

Sobre Manuela ainda pesa a manipulação historiográfica. Bolívar não foi apenas o seu amor, mas também a possibilidade para que ela tivesse protagonismo histórico. Esse apagamento é uma construção histórica patriarcal da imagem heroica de Bolívar, que não teria espaço para dividir o holofote com uma mulher, como aponta o historiador Victor Wolfgang von Hagen:

Quando Simon Bolívar foi metamorfoseado em semideus... Manuela Saénz, segundo os historiadores, teve de abrir caminho para o mito. Todos os detalhes de sua vida foram oficialmente suprimidos, os documentos que a mencionavam desapareceram e seus últimos vinte anos foram vividos na obscuridade em Paita. E então, para completar a imolação, quase todas as emocionantes cartas de amor que ela trocou com Bolívar foram destruídas após sua morte durante a epidemia da difteria. Por mais de meio século, os historiadores mantiveram o seu acordo de cavalheiros - Manuela nunca foi mencionada¹¹ (VON HAGEN, 1952, p. 302, traduzido pela professora Rosane Cardoso¹²).

¹¹ Trecho do original: *How then did all the early records escape biographers?*, no livro *The Four Seasons Of Manuela: a Biography. The Love Story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar*. New York: Duell, Sloan & Pearce Co., 1952, p. 302. Victor Wolfgang von Hagen (1908-1985) era um explorador estadunidense, antropólogo, historiador, arqueólogo e memorialista.

¹² Rosane Maria Cardoso, Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil), professora na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

Segundo a pesquisadora Rosane Cardoso, em 1883, no centenário de nascimento de Bolívar, o governo da Venezuela organizou uma obra sobre o Libertador, mas os trechos que colocavam Manuela ao lado do herói foram suprimidas, sob a alegação de que tais aventuras diminuiriam a imagem do Libertador¹³.

Por isso, é sempre necessário lembrar de Manuela e tantas outras "Manuelas" que fizeram parte desse processo de construção de uma nova América. Nesse ambiente revolucionário, as mulheres sonhavam não só com a libertação da pátria, mas também com sua própria libertação, uma revolução social. É necessário lembrar de mulheres de distintos grupos étnicos e sociais que, na campanha libertadora, desafiaram a hierarquia das relações de gênero, criaram rotas de fuga, organizaram reuniões conspiratórias, abrigaram fugitivos, ajudaram a propagar as novas ideias, atuaram como espiãs e mensageiras, participaram de protestos, colaboraram com a imprensa, ajudaram com recursos materiais, deram suporte aos exércitos libertadores, e até ingressaram nas tropas, mesmo sendo humilhadas, agredidas e mortas. É necessário lembrar de Manuela, uma mulher que larga o marido em busca de suas paixões: a luta pela independência e o amor por Bolívar. De uma mulher que entra para o exército, pega em armas, cavalga e comanda homens. De uma mulher que não tinha medo de escândalos. Se na sociedade atual tais predicados ainda chocam, imagine para a sociedade do início do século 19.

A história de Manuela e das mulheres ainda está em construção porque precisam ser descobertas, lembradas, visibilizadas e respeitadas. Para que o apagamento não se perpetue, devemos ter em mente o que escreve Michelle Perrot:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 1988, p. 193).

¹³ *As biografias de Manuela Sáenz: Um embate de memórias, vozes e discursos*, em *Letrônica*, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em 7 de abril de 2020, p 4.

Referências Bibliográficas

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Editora Paz & Terra, 1988, p 166 e 193.

VON HAGEN, Victor W. The four seasons of Manuela: a biography. The love story of Manuela Sáenz and Simón Bolívar. New York: Duell, Sloan & Pearce Co., 1952.

TREND, J. B. *Bolívar e a Independência da América Espanhola*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 175-176. ARANA, Marie. *Bolívar: o libertador da América*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.